

CIDADE PARA QUE TE QUERO?

Elisa Marques
Coordenadora do Projecto DiaLugares
Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa

“De certo modo, muitas actividades humanas, as artes, as ciências, as técnicas, a política, são apenas maneiras peculiares, cada uma com as suas regras próprias, de jogar o jogo dos possíveis (...). Todavia, é difícil não encontrar o arbitrário, ou mesmo a fantasia, na estrutura e funcionamento da natureza”

François Jacob
«O Jogo dos Possíveis»

Imagine-se um professor, em início de ano lectivo, propor na sua escola a substituição dos manuais escolares por uma “leitura” atenta da sua cidade...

Já se ouvem as vozes em unísono dizer que isso é impossível, e que uma escola sem manuais não é escola.

As questões do costume não se fizeram esperar: como se cumprem os programas? Como se ensinam os alunos a ler e a interpretar, a calcular, a formular problemas, a consultar a Internet e porque não, também a pensar? Para além do mais, argumentam alguns acerrimamente, nas escolas estão bem definidas as visitas de estudo à cidade de cada um, e à dos outros também.

Mas, então para que queremos a cidade, perguntou o professor?

Provavelmente, este professor queria, tão-somente, relembrar aos colegas uma das muitas dimensões que o conceito de cidade encerra: a dimensão cultural, na qual se mobiliza o *universo perceptivo, imagético-conceptual*¹, como forma de suscitar novos planos de experiências pessoais e colectivas, de consciência do espaço que se habita e se vê e das potenciais transformações que um *sábio exercício pedagógico*² pode desenvolver.

É com este desafio, da cidade encarada como um espaço de aprender, tecendo uma rede de “saberes e de códigos numa visão plural e multifacetada do mundo”³, que a Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, através do projecto DiaLugares⁴, se lança nesta viagem pela cidade de Almada, como um *livro* que há-de ser lido, através dos vários sentidos, andando **de lugar em lugar**, olhando em todas as direcções, vendo o que está perto, desafiando cada um a ver mais longe.

E, tal como na vida, a cidade só vale a pena quando nos implicamos e se consegue mostrar e ver o nunca visto, num diálogo entre si, os dias e os lugares, que estarão tão perto do cheiro da terra molhada como de um *clic* na ponta dos dedos. Em síntese o “DiaLugares”.

DiaLugares: A cruzar a cidade



Este projecto assume-se como um estratégia metodológica na área da educação e tem como ponto de partida as seguintes linhas de orientação:

A educação, a arte e a cultura, como processos integrados e abrangentes, no sentido de desenvolver no ser humano as múltiplas dimensões da formação **e não uma lógica disjuntiva, fragmentando os diferentes saberes.**

O cruzamento dos **saberes científicos, artísticos e tecnológicos** através da mobilização de diferentes linguagens, não se confinam à excelência daquelas que são consideradas “socialmente úteis”, mobilizando assim formas de comunicação desenvolvidas globalmente, sem menosprezo pelo contacto e aprendizagem da especificidades dos seus códigos. A questão central é levar os sujeitos a interpretar a realidade de um modo mais fundamentado.

O **património da cidade** é abordado de um modo global e integrado, relacionando as dimensões **culturais, naturais e artísticas, mobilizando os seus espaços culturais**, como meio e processo, para o desenvolvimento de uma acção educativa transversal à vida na cidade.

As **modalidades formativas**, para colocar os cidadãos em contacto com estes **bens culturais**, podem assumir diversas dinâmicas educativas, quer elas sejam **digitais ou físicas**, desde que esses meios não se restrinjam a disponibilizar os conhecimentos numa visão cumulativa e fragmentada, impeditivos da construção de discursos coerentes e significativos, viabilizando estratégias que estabeleçam relações entre a **mobilidade física e digital**, de modo que os sujeitos produzam os conteúdos para a posterior disponibilização na Internet.

A **aprendizagem colaborativa e a mediação pedagógica** são os norteadores das dinâmicas educativas implementadas para que o processo **interpretativo do mundo que nos rodeia**, seja um processo contínuo e permanente, implicando diferentes saberes, práticas diferenciadas e

públicos distintos, desde o jardim de infância a adultos de várias idades, não estando o critério da idade pré-definido, remetendo-nos para uma aprendizagem feita pela mediação educativa de professores, pais ou grupo de pares.

DiaLugares: Saberes em Acção

Para a operacionalização destes princípios orientadores privilegiou-se o estabelecimento de redes de parcerias com os vários actores locais seleccionados⁵, professores de todos os níveis de ensino, técnicos de museus, entre outros, para a construção de um projecto educativo partilhado. Partindo de cada espaço inventariam-se algumas das temáticas e conceitos, que são abordados com os diferentes públicos, de acordo com três eixos de orientação:

- O espaço / objecto, como **contemplação/fruição**, abrindo possibilidades aos sujeitos para um diálogo que remeta para as suas empatias, intuições e vivências;
- O espaço / objecto como **experimentação / criação**, levando à aprendizagem de alguns códigos específicos de diferentes áreas⁶ e simultaneamente utilizar diferentes meios expressivos para representar ideias, temas e conceitos;
- O espaço / objecto como **reflexão / interpretação**, reconhecendo a permanente necessidade de desenvolver a integração de vários e novos saberes em diferentes áreas (artes plásticas, expressão corporal, literatura, dança, ciências da natureza, matemática, entre outros); desenvolvendo deste modo o sentido crítico de apreciação do mundo e simultaneamente, desafiando-nos a desfazer o velho mito da tradicional separação entre arte e ciência, respondendo à *necessidade de uma visão da ciência com imaginação e uma visão da arte com conhecimento*.

No lugar do programa: Os Dias no Lugar

Chegou a altura de relembrar o professor que propôs abolir os manuais escolares da sua escola, e utilizar a cidade como um manual educativo...

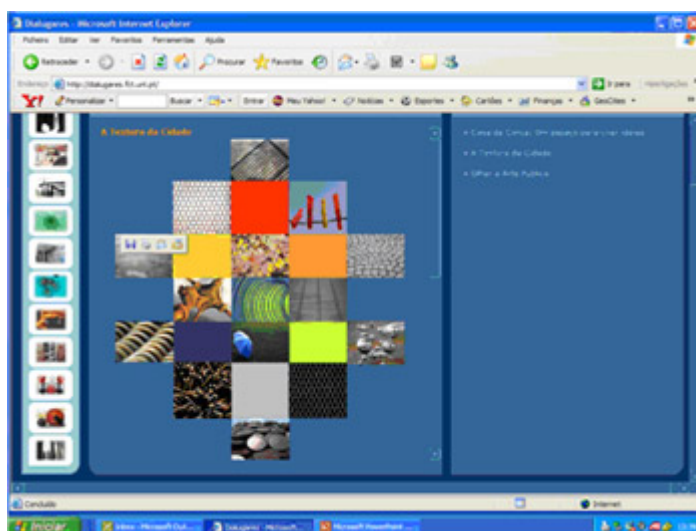
Da nossa experiência resultou, como pode ser visível *on line*, um programa que foi construído nos **Dias no Lugar**. A título de exemplo enunciaremos apenas algumas das temáticas tratadas⁷.

<http://dialugares.fct.unl.pt>: Um pé cá... outro lá

Todo o processo vivenciado por cidadãos de diferentes faixas etárias, nos vários lugares da cidade foi re-escrito para que fosse possível partilhá-lo com o mundo e não ficasse confinado apenas à Cidade de Almada. Que pudesse servir aqueles que ousam desafiar os modos instituídos de ver o mundo educativo. A premissa para esta partilha “*local e global*” foi, desde o início

deste projecto, a ruptura com uma lógica de disponibilização de informação sobre cada lugar, ou seja, a “descrição oficial” de cada sítio, recaindo a opção na sua re-invenção, através das vivências e dos saberes, entretanto apreendidos. Daí que, todos os conteúdos disponibilizados sejam produto da informação que os vários públicos vivenciaram e transformaram, posteriormente em saberes fundamentados. Assim, em <http://dialogares.fct.unl.pt> cada espaço cultural seleccionado é visto através dos “**Dias no Lugar, (Re) Criar o Lugar, Falar do Lugar, Lugar ao Olhar, do Lugar às Ideias e do Lugar ao Jogo**”. Cada um que por ali passe, sozinho ou acompanhado, pode conhecer e recriar a cidade de Almada ou a sua própria cidade com as propostas que tem para desenvolver. E neste vaivém entre o espaço físico e digital, o utilizador pode ainda experimentar desde, técnicas no domínio das artes plásticas, (p.e, a técnica do *cadavre exquis*, técnica mista), como também pode apreender conhecimentos dentro das várias áreas, dando “**Lugar às Ideias e ao Jogo**”, partindo de várias propostas lúdicas.

Estas propostas lúdicas, assumem-se como uma estratégia educativa que poderá despertar nos vários públicos o gosto por conhecer a cidade de Almada, ou seja, aprender com Almada. No entanto, estas não se restringem apenas ao que é imediatamente observável, mas a todos os conteúdos que possam estar relacionados com cada espaço, e neste sentido Almada e o seu Património foi o mote para uma aprendizagem mais vasta. Almada serviu de “manual”, com o qual aprendemos a descrever, a analisar, a interpretar e a reflectir a nossa cidade, cruzada por múltiplos olhares.



A Dimensão Cultural e Estética do Património: Redes e Autonomia

Várias actividades foram desenvolvidas para fomentar a autonomia dos diversos públicos e assim como do próprio *sítio*, na continuidade dos princípios e das acções que norteiam este projecto, entre as quais, destacamos a Oficina de Formação “**Espaço ao Olhar**”, destinada a

educadores e professores de todos os níveis de ensino, técnicos de museus e a pais. Esta modalidade de formação tem como finalidades: i) despertar nos cidadãos em geral e nos profissionais de educação em particular, o contacto com o património, integrando as várias áreas do conhecimento; ii) aprender estratégias educativas que despertem o gosto para a observação do património com critérios fundamentados e iii) desenvolver competências na área das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). Subjacente a estas finalidades, esta oficina privilegia a formação em contexto de trabalho, como entidade que forma através da reflexão na acção. Ao ser desenvolvido um projecto de trabalho autónomo, cada um destes intervenientes trabalha diferentes espaços da cidade, mobilizando os conhecimentos apreendidos, e simultaneamente, produzindo conteúdos para disponibilizar *on line*.

Pode considerar-se que esta metodologia resulta em estratégias de autonomia, uma vez que postula uma **acção comprometida**⁸, enquanto consciencialização da sua importância na alteração de comportamentos face ao património e à maneira de questionar o mundo. Ao integrar diversas redes de parceria entre os agentes de desenvolvimento local, mobiliza conhecimentos, métodos e meios que poderão ser aplicados em novas situações e com novos públicos, podendo deste modo garantir-se a sustentabilidade do *portal* “DiaLugares”.

Em jeito de conclusão (para não terminar esta viagem...)

Voltemos às inquietações do professor de que falámos no início deste texto: A cidade pode servir como “manual escolar”? Para que queremos a cidade? E, já agora, acrescentamos uma outra questão: Para que queremos a Internet?

Não cabe no contexto deste artigo definir o conceito de cidade, uma vez que seria uma tarefa demasiado complexa, por ser uma realidade “poliédrica rica de facetas”⁹ O que importa aqui debater, é o universo perceptivo imagético da cidade de que nos falava, René Guénon (1958) e das várias formas de o experienciar, através de um *sábio exercício pedagógico*. No sentido de poder clarificar as potencialidades que a cidade pode exercitar nos seus cidadãos, a partir do seu património, remete-nos para o primeiro ponto de partida subjacente à filosofia de intervenção deste projecto: **“A educação, a arte e a cultura, como um processo global e factor de desenvolvimento das múltiplas dimensões do ser humano”**. Evocaremos a lógica não disjuntiva destes processos para reforçar a ideia de que, **Educação sem Arte e sem Cultura não é Educação**. E, nesta lógica de multidiscursividade, não podemos esquecer a generalização do uso social das tecnologias de informação e de comunicação, pela capacidade de penetrabilidade em todas as esferas da actividade humana, assim como as mudanças produzidas no desenvolvimento das sociedades.

Para responder à pergunta, para que serve a Internet, teremos que mobilizar novamente os três conceitos basilares; a Cidade, o Património e a Educação, para acentuar que a comunicação estabelecida através da Internet, se constitui não só como um ambiente a partir do qual se organiza e disponibiliza a informação, mas também onde se estabelecem **redes de interação** com outros sistemas sociais e humanos. Neste sentido, e em pleno séc. XXI, aprender na cidade sem rede, seria limitar os horizontes da compreensão das relações que se estabelecem entre a “*incorporação*”¹⁰ que a tecnologia faz da sociedade e o uso que a sociedade faz da inovação tecnológica .

“ A base da cidade (...) é uma rede que serve de passagem e de apoio. Tudo o resto, em vez de se elevar por cima, está pendurado por baixo: escadas de corda, camas de rede, tendas suspensas, cabides (...), cestos pendurados por cordéis, duches, trapézios e aros para jogos, teleféricos, candelabros, vasos com plantas de folhagens pendulares.

Suspensas sobre o abismo, a vida dos habitantes desta cidade, é menos incerta do que noutras cidades. Sabem que mais do que um certo ponto, a rede não aguenta.

Italo Calvino

«As Cidades Invisíveis»

Notas Bibliográficas

¹ Do Carmo Silva, Carlos Henriques. (4.1994) in: PHILOSOPHICA – A Cidade. Departamento de Filosofia, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

² Guénon, René. (1958), Le roi du monde, Paris, Gallimard

³ Calvino, Ítalo. (1990) As Cidades Invisíveis

⁴ O projecto DiaLugares, é da responsabilidade científica do Professor Doutor António Manuel Nunes dos Santos, director da F.C.T - UNL, com coordenação pedagógica da Dra. Elisa Marques e coordenação na área de programação do Professor Doutor Pedro Sousa. Este projecto é financiado pelo POS _C – Programa Operacional da Sociedade do Conhecimento, e sub-programa do programa ACD – Almada Cidade Digital..

⁵ Responsáveis dos diferentes Espaços Culturais (museus, centros de cultura, parques, jardins e espaços característicos) da responsabilidade da Câmara Municipal de Almada: Museu da Cidade – Dra. Ângela Luzia; Casa da Cerca – Dra. Ana Isabel Ribeiro; Museu de Sítio, Convento dos Capuchos, Núcleo Museológico da Água, Núcleo Museológico Naval – Dra. Rosa Silva; Parque da Paz – Arquitecto Sidónio Pardal; Jardim do Castelo; Arquivo Histórico e Municipal de Almada – Dr. Alexandre Flores; Fórum Municipal Romeu Correia – Dr. Paulo Leitão.

⁶ Referem as seguintes áreas, a título de exemplo: Artes Plásticas, Música, Movimento e Drama, Literatura, Dança, Ciências da Natureza, Matemática.

⁷ Podem ser consultadas em <http://dialugares.fct.unl.pt>, destacam-se a título de exemplo as seguintes: as origens, a evolução e situação cultural da cidade, os sentidos do tempo, do espaço e dos objectos: funções, uso e valor (estético, artístico, económico); as qualidades do espaço:

a cor, a forma, a composição, o ritmo, a perspectiva, a textura, o equilíbrio; a memória das cidades; as metamorfoses e metáforas das cidades; as paisagens visuais, sonoras da cidade, a arqueologia e a cidade.

⁸ Sá-Chaves, Idália. In: *Educação, Aprendizagem e Sentido s/d*

⁹ Mela, Alfredo. (1999) *As Sociologias da Cidade*

¹⁰ Castells, M. (2004). *A Sociedade em Rede*